



## Experiências de alunos do PROEJA: uma possibilidade de inclusão

Camila dos Santos de **Souza**

Licenciatura em Matemática, Instituto Federal do Espírito Santo

Bolsista de iniciação científica do CNPq

Brasil

[2204camila@gmail.com](mailto:2204camila@gmail.com)

Alex **Jordane**

Instituto Federal do Espírito Santo

Brasil

[alex.jordane@gmail.com](mailto:alex.jordane@gmail.com)

### Resumo

Esta pesquisa focou-se , analisar, refletir e entender como os saberes da vida, especialmente do mundo do trabalho, são mobilizados e confrontados com os saberes escolares em uma turma de um curso técnico de edificações para alunos jovens e adultos. Esta é uma investigação de cunho qualitativo. Os dados foram coletados através de observações e de entrevistas com alunos. Os alunos atendidos pelo curso são, em sua maioria, jovens e adultos trabalhadores excluídos do espaço escolar, por diferentes motivos e, que depois de um tempo fora da escola, retornam para buscar, além da formação geral, uma formação técnica. Concluímos que os saberes da vida e do mundo do trabalho, raramente são mobilizados e confrontados com os saberes escolares. Apontamos, assim, para a necessidade de se levar em conta as experiências dos alunos em sala de aula, afim de fazer desse, um espaço de aprendizagem cada vez mais efetivo.

*Palavras chave:* matemática, educação matemática, experiência, saberes, PROEJA.

### Introdução

O Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA – foi criado em 2005, pelo Decreto 5.478, de 24/06/2005. No ano seguinte o programa foi reformulado e, pelo Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Após essa reformulação um novo documento base foi organizado. Esse documento base aponta algumas questões que devem ser levadas em consideração na construção de um currículo de PROEJA: (a) concepção do homem como ser histórico-social; (b) perspectiva integrada e não segmentada e articulada dos conteúdos; (c) **incorporação dos saberes sociais e dos fenômenos extra-escolares;** (d) **a experiência do**

**aluno;** (e) a formação, participação, autonomia, criatividade e práticas pedagógicas emergentes dos docentes; (f) a implicação subjetiva dos sujeitos da aprendizagem; (g) interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a interculturalidade; (h) a construção dinâmica e com participação; e, finalmente, (i) a prática de pesquisa (BRASIL, 2007, p. 49, grifo nosso). Dentre essas questões damos um destaque especial à valorização das experiências dos alunos, bem como a incorporação dos saberes desenvolvidos por esses alunos em espaços fora da escola.

Ressaltamos que o público de alunos jovens e adultos, atendido pelo PROEJA se destaca por trazer uma experiência de vida plural e rica, pois advém de diferentes realidades e contextos sociais, além de idades diversificadas.

Alguns autores têm chamado a atenção a essas questões. Oliveira (1999) destaca que a reflexão sobre como os jovens e adultos aprendem suscita a discussão em pelo menos três campos: “a condição de ‘não-crianças’, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais” (p. 60). Considerar a terceira condição implica necessariamente em localizar o aluno jovem e adulto em uma determinada comunidade ou sociedade, em uma determinada cultura e, assim, afirmar que esse aluno traz consigo características dessa comunidade, sociedade e cultura. Aprofundando essa discussão Oliveira (1999) destaca ainda que o aluno jovem e adulto

Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas. Com relação a inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto fazem com que ele traga consigo diferentes habilidades e dificuldades (em comparação com a criança) e, provavelmente, maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem. (p. 60-61)

A autora completa ainda afirmando a necessidade de considerar esse aluno como ser histórico, inserido em uma cultura e carregado de experiências, tanto da vida, quanto do mundo do trabalho.

Na mesma direção Aranha (2003) ressalta a “necessidade de estabelecer um diálogo entre os dois conhecimentos, o conhecimento produzido/adquirido no mundo do trabalho e o conhecimento escolar” (p. 7), mas também aponta que esse diálogo exige uma “postura epistemológica e ontológica que foge dos padrões tradicionais” (*ibidem*, p. 3). Dentro dessa nova postura “o aluno é visto como co-responsável pelo processo educativo, como sujeito detentor de conhecimento” (*ibidem*, p. 7). A relação entre os conhecimentos produzidos/adquiridos no mundo escolar e no mundo do trabalho ganha mais força quando olhamos para alunos do PROEJA.

Outras pesquisas apontam que a mobilização de saberes não-escolares influenciam “positivamente na resolução dos problemas [escolares] por via de processos metacognitivos” (SILVA, 2006, p. 11), e que potencializam o processo de ensino-aprendizagem, provocando o aluno a sair de um papel de “mero coadjuvante” e caminhar em direção a um papel de “um participante ativo no processo ensino-aprendizagem” (SILVA, 2008, p. 144).

Silva (2008) destaca ainda que

precisamos fazer com que o saber matemático produzido nas diferentes práticas sociais de origem desses alunos seja explicitado e valorizado em sala. Entretanto, isso não é fácil, pois envolve o *choque* entre o saber matemático escolar, que é tido como certo e que possui uma profunda crença em respostas exatas, e o saber matemático trazido das práticas sociais

dos alunos, que podem contemplar várias maneiras não-usuais no ambiente escolar para a solução de um problema. (p. 114, grifo do autor)

Reafirmando a necessidade de provocar na sala de aula, especificamente de matemática, um processo que traga a tona não só os saberes escolares cristalizados, mas também os saberes adquiridos pelos alunos jovens e adultos do PROEJA em diferentes situações de suas vidas, especialmente nas relações com o trabalho, é que estruturamos esta investigação. Assim, pretendemos observar se e como acontece a interligação entre a formação científica e técnica e as experiências dos educandos.

Com isso, primeiramente consideraremos a realidade em que o aluno está inserido, seus objetivos e necessidades para alisarmos o processo pedagógico e como esse processo conversa com aquela realidade.

O objetivo desta pesquisa é, portanto, analisar, refletir e entender como os saberes da vida, especialmente do mundo do trabalho, são mobilizados e confrontados com os saberes escolares em uma turma do PROEJA no Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) – *campus* Vitória.

### **Metodologia**

Para atingirmos o objetivo desta pesquisa, necessitamos compreender como os saberes da vida, especialmente do mundo do trabalho, são mobilizados e confrontados com os saberes escolares, ou seja, como afirma D'Ambrósio (2004), ela “lida e dá atenção às pessoas e às suas idéias, procura fazer sentido de discursos e narrativas que estariam silenciosas” (p. 21) e, portanto, se aproxima de uma abordagem qualitativa.

A pesquisa foi desenvolvida no Ifes – Vitória, a partir do acompanhamento de uma turma do PROEJA nas aulas de matemática.

Podemos organizar o desenvolvimento desta pesquisa em três momentos, que se misturam ao longo da pesquisa.

O primeiro e mais longo momento é o das observações da sala de aula. Depois de escolher a turma, conversar com a professora e com os alunos, a pesquisadora passou a frequentar quase todas as aulas de matemática da turma compreendidas no período entre agosto e dezembro de 2010. Foram observadas 20 aulas. Todas as informações consideradas como importantes pela pesquisadora foram sendo anotadas e compuseram um diário de pesquisa.

Um segundo momento, mas que ocorreu simultaneamente ao primeiro, foi marcado pelas conversas com a professora de matemática, sobretudo, sobre o trabalho que estava sendo desenvolvido. Vale destacar que tais conversas serviram para subsidiar não só as observações em sala de aula, mas também a estruturação das entrevistas com os alunos, foco desta pesquisa.

Finalmente, com as observações, as conversas com a professora e com as anotações do diário de pesquisa, partimos para o terceiro momento, a estruturação e a execução de entrevistas com um grupo de alunos.

### **Caracterização da turma**

Entre as possibilidades de turmas que tínhamos, considerando a disponibilidade de horários da pesquisadora, optamos por acompanhar uma turma do turno noturno. Nesse turno, no Ifes – Vitória, funcionam dois cursos técnicos que atendem jovens e adultos, Edificações e Metalurgia. Optamos por acompanhar uma turma do curso de Edificações.

O curso de Edificações – PROEJA no Ifes – Vitória, estava<sup>1</sup> organizado em quatro anos, com oito módulos semestrais. Nos quatro primeiros módulos os alunos têm um contato mais intenso com as disciplinas de formação geral, como por exemplo português, matemática, e história. Dessa forma os módulos finais são dedicados às disciplinas específicas da formação técnica, como por exemplo desenho técnico, estruturas isostáticas e topografia.

Como tínhamos como objetivo analisar, refletir e entender como os saberes da vida, especialmente do mundo do trabalho, são mobilizados e confrontados com os saberes escolares, optamos por trabalhar com uma turma mais avançada e que tivesse contato com as disciplinas de formação técnica. Escolhemos assim a turma do quinto período, visto que esses alunos teriam, ao mesmo tempo, contato com as disciplinas técnicas e com a matemática.

Especificamente a matemática proposta para o quinto período é formada de conteúdos que subsidiam os estudos técnicos, retomando alguns tópicos do ensino fundamental e médio, mas ampliando a discussão e focando na aplicabilidade desses temas na ação do Técnico em Edificações.

As turmas do PROEJA possuem um alto índice de evasão e, quando chegam ao quinto período, são recompostas com alunos que participam de processo seletivo externo. Apesar dos alunos que chegam à turma no quinto período serem considerados como alunos de um curso integrado, são na verdade, alunos que prestaram processo seletivo para um curso técnico subsequente<sup>2</sup>. Esta turma de quinto período era formada por 40 alunos. Sendo que destes 18 alunos eram do PROEJA desde o primeiro período e os demais fizeram concurso para o curso técnico subsequente.

O acompanhamento da sala de aula proporcionou momentos de convivência com esses alunos e foram de suma importância para entender um pouco mais como é a vida desses alunos fora do ambiente escolar e também saber como isso interfere nos estudos. Foram também esses momentos que subsidiaram a escolha dos alunos para a realização das entrevistas.

### **Preparação da entrevista**

Inicialmente tínhamos a ideia de realizar com um grupo focal com cinco ou seis alunos. Conseguimos, assim, articular com seis alunos, distribuídos da seguinte forma: três homens e três mulheres, e cinco alunos que passaram pela experiência do PROEJA e apenas um deles entrou no curso como alunos do curso técnico subsequente.

Todos os seis alunos compunham um perfil de alunos que ficaram um tempo fora da escola e que, de uma forma ou de outra, tinham um contato direto com o mundo do trabalho, visto que esse é o foco desta pesquisa.

Depois de acertado com os alunos a data para a realização do grupo focal o sistema de transporte urbano da região metropolitana de Vitória entrou em greve e começou a minar nossos planos. Tentamos entrar em contato com os alunos e propomos a eles uma nova data para a realização do grupo focal. Neste momento somente três alunos confirmaram a

---

<sup>1</sup> Os cursos de PROEJA do Ifes – Vitória foram reestruturados e agora estão organizados em quatro módulos anuais. As disciplinas de formação geral e de formação técnica foram mescladas no sentido de buscar um curso que seja mais próximo à ideia de integração proposta pelo programa. A turma observada pertence ao currículo antigo.

<sup>2</sup> Esse tipo de curso não é integrado, ou seja, o aluno cursa o ensino médio em outra instituição e depois de concluído complementa a sua formação com as disciplinas técnicas. Os tempos-espacos das formações geral e específicas são totalmente adversos, ou desintegrados.

presença, mas apenas dois alunos compareceram.

Optamos então, por realizar uma entrevista coletiva com os dois alunos, visto que o número estava bem aquém do esperado por nós para a realização de um grupo focal.

**Os alunos entrevistados.** Vamos chamar os alunos que participaram da entrevista de Marina e Gabriel.

**Marina.** Tem 40 anos de idade. Terminou o ensino médio em 1989, ingressou em um curso superior, mas não prosseguiu. Ficou um tempo sem estudar e em 2008 optou por fazer o Curso Técnico em Edificações por se identificar com a área de atuação. Trabalha com a irmã, que é representante. Aproveita essa maleabilidade do trabalho para se dedicar mais aos estudos. Ingressou no Ifes no segundo semestre de 2008 na turma do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA). É uma aluna muito esforçada e dedicada, tem muita dificuldade de abstração mas não desanima e nem desiste dos estudos. É sempre muito animada e senta nas primeiras carteiras.

**Gabriel.** Tem 48 anos de idade. Terminou o ensino médio em 1981 e não mais continuou seus estudos. Afirma que desde o período que terminou o ensino médio, priorizou o estudo dos filhos. Trabalha em uma grande empresa da região metropolitana de Vitória. Depois de 29 anos e com o incentivo dos filhos voltou a estudar. Acredita que com esse curso técnico pode ajudar as pessoas, inclusive com a possibilidade de criar uma empresa de pequenas obras e reformas. Ingressou no Ifes no segundo semestre de 2010, recompondo a turma do Curso Técnico em Edificações Integrado ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA), mas como aluno de curso técnico subsequente. É esforçado e procura sempre aprender mais. Gosta e fala muito de seu trabalho, estabelecendo sempre a relação entre os saberes do mundo do trabalho e os escolares.

### Análise e Discussão

Para a análise optamos por categorizar os dados coletados nas entrevistas e no diário de observação em três categorias: o perfil dos alunos do PROEJA; a relação entre os alunos do PROEJA e do técnico subsequente; e a valorização das experiências dos alunos pelo professor.

#### O perfil dos alunos do PROEJA

O PROEJA é caracterizado por atender jovens e adultos trabalhadores que por algum motivo não tiveram a oportunidade de se prosseguir seus estudos e, conseqüentemente, de se profissionalizar. Como afirma o Documento Base do PROEJA,

A educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil, como modalidade nos níveis fundamental e médio, é marcada pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito [...]. (BRASIL, 2007, p. 9).

Em vários momentos da pesquisa pudemos comprovar isto. O aluno A, logo no primeiro dia que entramos em sala, afirma que “eu trabalho, isso é para quem tem tempo” (A, diário em 26/08/2010).

Esse mesmo aluno, em outro momento, ao se deparar com algumas dificuldades em relação ao conteúdo acha que é inferior de alguma forma e fala “professora, isso não é coisa para gente normal não” (A, diário em 02/09/2010).

Isso pode ser um agravante no sentido que coloca os alunos em uma posição desprivilegiada em relação aos conteúdos, considerados por eles como sendo uma coisa de *outro mundo*.

Essa postura reafirma a colocação do Documento Base do PROEJA:

Os sujeitos educandos caracterizam-se por pertencer a uma população com faixa etária adiantada em relação ao nível de ensino demandado, constituindo um grupo populacional que tem sido reconhecido como integrante da chamada “distorção série-idade”. (BRASIL, 2007, p. 44)

Uma questão que reforça o processo de exclusão é exatamente a concepção, inculcada em todos nós, inclusive nos alunos, que existe um período “próprio” para se estudar, como podemos confirmar em um momento da entrevista realizada com a aluna Marina, “o curso que estou fazendo, é um curso que na minha época de estudante, sempre quis fazer, mas não deu” (Marina, entrevista em 10/12/2010). Pudemos assim perceber que os próprios alunos se reconhecem como participantes desse “grupo populacional” que apresenta essa chamada “distorção série-idade”.

Corroboramos com a ideia defendida pelas diretrizes do PROEJA, que um programa de educação de jovens e adultos (EJA), precisa se pautar em uma proposta político-pedagógica “clara e bem definida para que possa atender as reais necessidades de todos os envolvidos” (BRASIL, 2007, p. 36).

Apesar de serem alunos trabalhadores, que possuem pouco tempo para estudar fora do ambiente escolar e que apresentam algumas dificuldades em relação ao conteúdo apresentado, a maioria dos alunos do PROEJA possui, pela própria idade, uma experiência de vida superior aos alunos do técnico. O aluno jovem e adulto, como afirma Oliveira (1999), “traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas (p.60-61)”.

### **A relação entre os alunos do PROEJA e do técnico subsequente**

O PROEJA é conhecido também como uma forma de inclusão para esses alunos que durante muito tempo foram excluídos do ensino regular. Mas esse processo de inclusão fica um pouco abalado quando a turma do PROEJA chega ao quinto período e recebe alunos do curso técnico subsequente que acabaram de ingressar por meio de processo seletivo e que não possuem o mesmo perfil.

Tínhamos, inicialmente, a hipótese que essa entrada de alunos no meio do curso estava causando um certo desconforto aos alunos do PROEJA, mas pudemos constatar que o desconforto é gerado pela entrada de apenas um grupo de alunos.

Marina afirma que o PROEJA tem falhas, pois,

foi criado um projeto para atender pessoas, trabalhadores, que ficaram fora da escola um tempo, cada um tem seu motivo. E aí de repente, você mistura com alunos que estão saindo da escola com 18 anos. [...] Se o projeto é feito para atender um determinado tipo de pessoas... não pode misturar. [...] Por isso acontece essas coisas, essas distorções em sala de aula. (Marina, entrevista em 10/12/2010)

Os alunos que causam esse estranhamento em sala de aula são, portanto, alunos, como afirma Marina, “que estão saindo da escola com 18 anos”, ou seja, com um perfil diferente dos alunos do PROEJA. Gabriel, um dos alunos que entrou no meio do curso, ou seja, não é aluno do PROEJA, mas se identifica com esse perfil, afirma que

se os alunos do PROEJA em relação aos alunos que vieram do ensino médio, entrando nesse curso, que foi uma janela, né?! Eu creio que fosse só mesmo o PROEJA seria bem melhor pra própria turma. Porque a gente vê,

às vezes, nessa turma, por exemplo, do lado, vamos dizer infantil, tem lá as suas preferências e os adultos ficam até retraídos. [...] Intimidam a turma, vamos dizer assim, do PROEJA, a assimilar melhor o que está sendo passado. (Gabriel, entrevista em 10/12/2010)

Gabriel separa a turma em dois grupos: PROEJA e os alunos mais “infantis” e não nos grupos PROEJA e técnico subsequente. Logo após essa fala, questionamos Gabriel,

*Pesquisador:* Quando você fala PROEJA, você se inclui?

*Gabriel:* me incluo [risos] (Gabriel, entrevista em 10/12/2010)

Esse desconforto é marcado por uma dificuldade dos professores em estabelecerem, com os alunos, contratos didáticos específicos à realidade de cada grupo. “[...] O PROEJA é discriminado. [...] Tem professor que dá a matéria como se estivesse dando aula para um menino do técnico [...] eles excluem as pessoas o tempo todo.” (Marina, entrevista em 10/12/2010, grifo nosso). Os próprios alunos percebem a necessidade de formas e metodologias diferenciadas para grupos diferentes, buscando com isso valorizar as diferentes experiências.

### **A valorização das experiências dos alunos pelo professor**

Outra questão explorada foi a valorização da experiência de vida, especificamente do trabalho dos alunos por parte do professor. Um exemplo claro, talvez o único registrado em sala, ocorreu com o Gabriel. Ele levou um instrumento de trabalho para a sala de aula, desconhecido pela maioria. Gabriel passou o que conhecia a todos da turma e também para a professora, que achou interessante.

No dia 23 de setembro de 2010, Gabriel levou um paquímetro para a aula de matemática. A professora perguntou o que era. Gabriel explicou que o instrumento é utilizado para medidas precisas. Explicou também que conseguia, por causa de sua experiência, estimar as medidas com uma aproximação razoável. A professora então desafiou o aluno apontando alguns objetos e confirmando as medidas com o próprio instrumento levado pelo aluno. Como prometido, as aproximações feitas por Gabriel eram muito boas, surpreendendo a professora e alguns alunos, especialmente os do PROEJA.

Esse foi um momento ímpar em nossas observações. Pudemos perceber o quanto que a valorização das experiências dos alunos pode provocar um movimento na sala de aula, em direção à construção de um conhecimento com maior significado, confrontando os saberes conquistados fora da escola com os escolares. Reafirmamos que é importante explicitar e valorizar o saber matemático produzido no cotidiano dos alunos (SILVA, 2008).

Outros autores têm chamado a atenção para estas questões. Silva (2010) denota que

não é possível que se desconsidere, no trabalho pedagógico escolar, estas experiências de vida, pois são estas que produzem as aprendizagens mais significativas e, afinal, ao serem vivenciadas, são constituintes da formação cognitiva, intelectual, afetiva e social destes sujeitos. (p. 10)

Gabriel destaca, durante a entrevista, que sua experiência de vida é importante, apesar de não ser totalmente considerada pelos professores

[...] É um esforço que estou fazendo, porque quero. Vou lutar. Em relação aos professores, eu não sei se é muito levado em consideração. Esses 48 anos, essa experiência de vida, talvez não tenha nem o próprio professor essa experiência de vida. Pela minha idade, muitos professores são até mais novos do que eu. (Gabriel, entrevista em 10/12/2010).

Tais afirmações nos dão indícios da necessidade de um processo de formação dos

professores para que possam aproveitar mais de momentos como o vivenciado por essa turma e fazer desses espaços momentos de “aprendizagens mais significativas”.

### **Conclusão**

Vários são os motivos que levam as pessoas a interromperem os estudos, criando assim um enorme grupo de jovens e adultos que ainda não concluíram o ensino médio. O Documento Base apontava, com base nos dados do PNAD/IBGE, que em 2003 apenas cerca de 13% da população brasileira possuíam 11 anos de estudo (BRASIL, 2007, p. 15) e, de acordo com os últimos dados (PNAD/IBGE, 2008) esse índice cresceu para 20%, mas ainda representa um contingente relativamente baixo. Parte do público que se situa fora dessa faixa compõe os alunos que poderiam frequentar o PROEJA.

O PROEJA é, portanto, uma possibilidade para que essas pessoas pudessem ter não só uma formação profissional, mas uma formação integral e integrada, aliando a formação técnica à formação para a vida, contribuindo para o processo de inclusão desses alunos.

Pudemos perceber que o retorno desses alunos à escola, depois de um longo período fora dos bancos escolares, é permeado de dificuldades que, muitas vezes poderiam ser diminuídas se a escola conseguisse aproveitar mais de suas experiências pessoais.

Dentre essas dificuldades podemos destacar duas que se relacionam e se complementam. Uma primeira dificuldade está vinculada à relação com alunos mais novos e que possuem uma realidade escolar diferente dos que foram excluídos, por diversos motivos, dos espaços escolares. Faltam mecanismos, por parte do corpo docente, para fazer uma interação eficaz entre essas duas realidades. O novo é um obstáculo tanto do ponto de vista do professor quanto do aluno.

A outra dificuldade, mas interligada à primeira, se dá na complexidade de estabelecer a ligação entre os saberes escolares e os saberes construídos por esses alunos ao longo de sua vida extraescolar. Tais saberes são tratados, na maioria das vezes, como sendo desvinculados do mundo que esses alunos viveram.

Esta pesquisa aponta, finalmente, que os saberes da vida, especialmente do mundo do trabalho, raramente são mobilizados e confrontados com os saberes escolares. Apontamos assim para a necessidade de se levar em conta as experiências vivenciadas pelos alunos jovens e adultos trabalhadores em sala de aula, sobretudo aquelas construídas nas relações de trabalho, como nos apontava Paulo Freire

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1997, p. 33)

Buscando, assim, incluir efetivamente esses alunos, não somente aos espaços escolares, mas na sociedade como um todo.

Não podemos também deixar toda essa carga para os professores. É importantíssimo que busquemos ampliar os espaços de formação de todos os professores envolvidos com as turmas de PROEJA para que possamos, juntos, buscar alternativas de fazer da sala de aula um espaço de aprendizagem cada vez mais efetivo.

Claro que essas discussões não se encerram com esta pesquisa, mas ela abre caminhos



para outras investigações. Algumas questões merecem ser aprofundadas em pesquisas futuras, dentre elas destacamos a necessidade de aprofundar as experiências de vida dos alunos e a integração entre os conteúdos da formação geral e os conteúdos propedêuticos.

Finalizamos este artigo com a fala da aluna Marina em relação ao PROEJA e ao curso de edificações

Vai abrindo a mente, ...

descobrendo coisas, ...

o conhecimento é tudo. (Marina, entrevista em 10/12/2010)

### **Bibliografia e referências**

- ARANHA, Antônia Vitória S. (2003) Relação entre o conhecimento escolar e o conhecimento produzido no trabalho: dilemas da educação do adulto trabalhador. In: *Trabalho & Educação*. Belo Horizonte: NETE/FaE/UFMG, n. 12, jan/jun.
- BRASIL, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. (2007) *Documento Base do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos: Educação Profissional Técnica de Nível Médio / Ensino Médio*. Brasília: MEC/SETEC.
- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. (2004) Prefácio. In: ARAÚJO, Jussara de Loiola; BORBA, Marcelo de Carvalho (Ed.). *Pequisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica. p. 11–23.
- FREIRE, Paulo. (1997) *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Brasil: Paz e Terra.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. (1999) Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: *Revista Brasileira de Educação*, Nº 12, ANPEd.
- SILVA, José Eduardo Neves. (2008) *A mobilização de saberes matemáticos pelo aluno da EJA em um ambiente de aprendizagem no Ensino Médio*. Dissertação defendida no programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco, Itatiba.
- SILVA, Maria Izabel Costa da. (2010) *Saberes da experiência de estudantes jovens e adultos: conhecer para valorizar*. Monografia defendida no programa de Pós-Graduação *Latu Sensu* em PROEJA do Instituto Federal do Espírito Santo, São Mateus.
- SILVA, Valdenice Leitão da. (2006) Números decimais: no que os saberes de adultos diferem dos de crianças. In: *Anais da 29ª Reunião Anual da ANPEd*. Rio de Janeiro: ANPEd.